

ACTO I

Quando o pano sobe, alguém está a tomar um duche na casa de banho, cuja porta está entreaberta. Uma jovem atraente, com uma expressão de ansiedade no rosto, entra no quarto e dirige-se à porta da casa de banho.

MARGARET (*elevando a voz sobre o ruído da água*) — Um daqueles monstros sem pescoço atirou-me com uma bolacha besuntada de manteiga! Tenho de mudar de roupa!

(A voz de Margaret tanto é rápida como arrastada. Durante as suas longas falas utiliza os truques vocais de um padre que entoia um cântico litúrgico, quase canta as frases, falando sempre um pouco mais do que o fôlego permite e tendo de parar para inspirar novamente. Às vezes intercala as frases com um pequeno trauteio, como «Da-da-daaaa!»)

A água deixa de correr e Brick fala com ela, mas permanecendo fora de cena. O modo como conversa com Margaret caracteriza-se por um tom de interesse educadamente fingido, que mascara a indiferença, ou algo pior.)

BRICK — Que estavas a dizer, Maggie? Com o barulho da água não te consegui ouvir...

MARGARET — Bem!... Só disse que... um dos monstros sem pescoço me sujou o meu lindo vestido de renda e por isso tenho de... mudar de-e-e roupa...

(Abre e fecha aos pontapés as gavetas da cómoda.)

BRICK — Porque chamas monstros sem pescoço aos putos do Gooper?

MARGARET — Porque eles não têm pescoço! Não é uma boa razão?

BRICK — Eles não têm pescoço?

MARGARET — Nenhum que se veja. As suas cabecinhas gordas estão encaixadas nos seus corpinhos gordos sem nada que os una.

BRICK — Estás a ser má.

MARGARET — Não, mau é não lhes podermos torcer o pescoço, porque nem pescoço têm! Não é, querido? (*Tira o vestido e fica em combinação de cetim branco e renda.*) Sim, são monstros sem pescoço, todas as pessoas sem pescoço são monstros... (*Ouvem-se gritos de crianças vindos do andar de baixo.*) Estás a ouvi-los? Ouves os seus gritos? Não sei onde têm as cordas vocais se não têm pescoço. Digo-te, esta noite enervei-me tanto àquela mesa que só me apetecia atirar a cabeça para trás e lançar um grito que atravessasse o Arkansas e se ouvisse no Louisiana e no Tennessee. Eu disse à tua encantadora cunhada, Mae, querida, não podias dar de comer a estas criaturinhas amorosas numa mesa à parte, protegida por uma toalha de plástico? Estão a sujar tudo e a toalha de renda é tão bonita! Ela fixou-me de olhos arregalados e disse «Ohhh, nãããã! No dia de anos do Papá Pollitt? Ora, ele nunca me perdoaria!» Bem, ficas a saber que o teu pai ainda não estava na mesa sequer há dois minutos com aqueles cinco monstros sem pescoço a babarem-se sobre a comida, quando pousou o garfo com força e gritou, «Pelo amor de Deus, Gooper, porque é que não pões estes porcos a comer numa manjedoura na cozinha?» — Bem, juro-te, eu quase que morria!

Pensa só, Brick, têm cinco e o sexto está a caminho. Trouxeram o bando todo até cá como se fossem animais para exhibir numa feira de gado. Olha, põem aquelas crianças a fazer habilidades o tempo todo! «Júnior, mostra ao Papá Pollitt como se faz isto, mostra ao Papá Pollitt como se faz aquilo, diz o teu poema ao Papá Pollitt, linda. Mostra as tuas covinhas, amorzinho. Docinho, mostra ao Papá Pollitt como se faz o pino!» Passam o tempo nisto, para além de estarem constantemente a fazer observaçõezinhas e insinuações sobre o facto de eu e tu ainda não termos filhos, não termos absolutamente nenhum descendente e não termos portanto utilidade absolutamente nenhuma! Claro que é cómico, mas também é nojento por ser tão evidente o que eles querem!

BRICK (*desinteressado*) — O que é que eles querem, Maggie?

MARGARET — O quê? Sabes bem o que eles querem!

BRICK (*aparecendo em cena*) — Não, não sei o que eles querem.

(*Fica à porta da casa de banho a secar o cabelo com a toalha e a segurar-se ao toalheiro porque tem um tornozelo partido e engessado.*)

O seu corpo ainda é magro e firme como o de um jovem. A bebida ainda não começou a destruí-lo por fora. Tem aquele ar de indiferença próprio de quem desistiu de lutar, que lhe confere um charme acrescido. Mas, uma vez por outra, quando está alterado, algo faísca através desse ar, como um relâmpago num céu sem nuvens, sugerindo que, a um nível mais profundo, ele está longe da serenidade. Talvez a uma luz mais forte ele revelasse sinais de deliquescência, mas a luz crepuscular, ainda cálida, da varanda trata-o com gentileza.)

MARGARET — Eu digo-te o que eles querem, meu caro! Eles querem tirar-te a herança do teu pai, e — *(Para momentaneamente antes da observação seguinte. O volume da sua voz baixa como se se tratasse de uma confissão pessoal embaraçosa.)* Agora que sabemos que o teu pai está a morrer de... cancro... *(Ouvem-se vozes vindas do relvado, vozes abafadas a chamar ao longe. Margaret levanta os seus belos braços nus e empoa as axilas com um ligeiro suspiro. Ajusta o ângulo de um espelho de aumento para arranjar uma sobrancelha, depois ergue-se irritada e diz:)* Há tanta luz neste quarto que —

BRICK *(de modo suave mas incisivo)* — Sabemos?

MARGARET — Sabemos o quê?

BRICK — Sabemos que o Papá está a morrer de cancro?

MARGARET — Soube-se hoje.

BRICK — Oh...

MARGARET *(baixando os estores de bambu que projectam na sala longas sombras douradas)* — Pois, soube-se há pouco... não me surpreendeu, amor... *(A sua voz é ritmada e musical; às vezes é baixa como a de um menino, convocando imagens súbitas de Margaret envolvida em brincadeiras de rapazes quando criança.)* Reconheci os sintomas mal cá chegámos na Primavera passada e aposto que o teu irmão e a mulher dele também não tinham dúvidas sobre o assunto. E por isso é que este ano, em vez de irem, como habitualmente, passar o Verão à frescura das montanhas, vieram para aqui chatear-nos com a sua tribo de crianças aos berros! E é também por isso que têm feito muitas alusões a Rainbow Hill ultimamente. Sabes o que é Rainbow Hill? É um lugar conhecido por tratar alcoólicos e drogados do mundo do cinema.

BRICK — Eu não trabalho no cinema.

MARGARET — Pois não, e também não te drogas. Tirando isso, és um candidato perfeito para Rainbow Hill, querido, e é para lá que eles te querem enviar — por cima do meu cadáver! Sim, só te enviam para lá

por cima do meu cadáver, mas nada lhes agradaria mais. Depois o teu irmão podia apoderar-se dos cordões da bolsa e racionar-nos o dinheiro, podia talvez até conseguir uma procuração e passar cheques por nós e impedir-nos de ter crédito onde e quando quisesse! O filho da puta! Achas bem, querido? Bom, tens feito tudo o que está ao teu alcance para que isto aconteça, tens feito o possível para os ajudar neste seu esquema! Deixares o emprego para te dedicares à bebida! Partires o tornozelo ontem à noite na pista de atletismo do liceu, e a fazer o quê? Saltar obstáculos? Às duas ou três da manhã? Fantástico! Vem hoje no jornal. O *Clarksdale Register* traz um belo artiguinho sobre o assunto, uma história de interesse humano sobre um conhecido ex-atleta que na noite passada participou numa corrida solitária na pista de atletismo do Glorioso Liceu de Hill, mas, estando um bocadinho em baixo de forma, não conseguiu saltar o primeiro obstáculo! O teu irmão diz que usou a sua influência para impedir que a notícia fosse parar à AP ou à UP ou a outra maldita agência noticiosa.

Mas, Brick! Tu ainda tens uma coisa a teu favor!

(Durante esta veloz torrente de palavras, Brick reclinou-se com um vagar harmonioso na branca superfície da cama e virou-se cuidadosamente de lado ou sobre a barriga.)

BRICK (*irónico*) — *Disseste alguma coisa, Maggie?*

MARGARET — O teu pai adora-te, querido. E não suporta o teu irmão nem a mulher dele, esse monstro de fertilidade; acha-a completamente detestável. Sabes como é que sei? Por pequenas expressões que lhe noto quando aquela mulher está a perorar sobre um dos seus temas preferidos, por exemplo, sobre como recusou a anestesia quando os gémeos nasceram!! Porque ela acha que a maternidade é algo que uma mulher deve experimentar plenamente! De modo a sentir plenamente como esse momento é belo e maravilhoso! Que nojo! (*Este «Que nojo!», exclamado em voz bem alta, é acompanhado por uma acção violenta como a de fechar com força uma gaveta.*) Ou sobre como ela fez com que o Gooper entrasse e ficasse ao seu lado na sala de partos para não perder o momento «belo e maravilhoso» que deu origem àqueles monstros sem pescoço... (*Dito por qualquer outra pessoa, um discurso deste tipo deveria causar antipatia, mas Margaret torna-o estranhamente cómico, porque os seus olhos brilham constantemente e a sua voz vibra com um riso que, no fundo, é indulgente.*) O teu pai partilha a minha atitude em relação àqueles dois! Quanto a mim, bem, rio-me com ele de vez em

quando e ele tolera-me. Na verdade, eu às vezes até suspeito que o teu pai tem inconscientemente um «fraquinho» por mim...

BRICK — O que te faz pensar que o Papá tem um fraquinho por ti, Maggie?

MARGARET — Pela maneira como ele olha para o meu corpo quando estou a falar com ele, baixa os olhos para o meu peito e passa a língua pelos lábios! Ah! Ah!

BRICK — Essa linguagem é nojenta.

MARGARET — Já alguma vez te disseram que és um puritano do caracas, Brick?

Eu acho muito bem que aquele velhote, quase a morrer, ainda tenha pelas minhas formas aquilo que me parece ser a devida consideração.

E sabes que mais? O teu pai não sabia em quantos pequenos Goopers e Maes é que eles já vão! «Quantos filhos têm?», perguntou ele à mesa, como se tivesse acabado de os conhecer! A tua mãe disse que ele estava a brincar, mas o velhote não estava, ai não estava, não!

E quando o informaram de que já tinham cinco e que o número seis estava a caminho! Pareceu-me que a notícia foi uma espécie de surpresa desagradável... (*Ouvem-se gritos de criança vindos do andar de baixo.*) Gritem, monstros! (*Vira-se para Brick com um inesperado sorriso alegre e encantador, que desaparece quando repara que Brick não está a olhar para ela mas para o dourado céu do crepúsculo com um ar preocupado. É a rejeição constante que a torna azeda.*) Sim, devias ter descido para jantar, querido. (*Sempre que lhe chama «querido» a palavra soa como uma carícia suave.*) Sabes, o teu pai, que Deus o abençoe, é a coisa mais querida do mundo, mas inclina-se sobre o prato como se preferisse não reparar em mais nada. Ora, a Mae e o Gooper estavam lado a lado à mesa, mesmo em frente ao teu pai, a observar a cara dele como falcões, enquanto tagarelavam acerca dos seus monstros sem pescoço, tão espertos e encantadores! (*Ela ri-se, tocando a garganta e o peito com a mão e arqueando a longa garganta. Dirige-se ao proscénio e recria a cena com a voz e os gestos.*) E os monstros sem pescoço estavam alinhados à volta da mesa, uns em cadeiras altas e outros em cima de volumes da *Enciclopédia Infantil*, todos com coloridos chapelinhos de papel em honra do aniversário do teu pai, e durante todo o jantar, bem, ficas a saber que o teu irmão e a sua sócia nunca, nem por um momento, pararam de trocar entre si beliscões e cotoveladas e pontapés e sinais! Bem, pareciam um par de batoteiros a enrolar um papalvo. Até a tua mãe, que Deus a abençoe, que não é a pessoa mais picapaz do mundo, até ela acabou, finalmente, por notar